

Jornal inglês prevê sucesso do Plano Cruzado

JADER DE OLIVEIRA
Correspondente

LONDRES — O Plano Cruzado tem maiores chances de dar certo do que o Plano Austral. Esta é a conclusão do "Financial Times", em artigo escrito por seu Editor de Assuntos Latino-Americanos, Robert Graham, que esteve recentemente no Rio de Janeiro.

Graham levou em conta todas as semelhanças e a cooperação que classificou de notável entre os Governos de Brasília e Buenos Aires. Mas na análise das circunstâncias que cercaram os planos argentino e o brasileiro, o cruzado leva vantagem.

"Enquanto o Presidente Afonsín decidiu agir após sua equipe econômica ter trabalhado na preparação do Plano Austral durante pouco mais de três meses, o Presidente Sarney foi mais cauteloso. Esperou seis meses até o fim de fevereiro último. Este atraso permitiu aos brasileiros observarem os enganos cometidos pela Argentina, assim como realizarem uma preparação mais completa do terreno para o plano de estabilização. "Apesar de o Plano Austral ter aparecido primeiro, houve forte contribuição intelectual brasileira em sua elaboração" — afirmou o jornal.

Economistas brasileiros, como Francisco Lopes, também realçam

uma diferença fundamental a favor do Brasil. Ele diz que a semelhança de objetivos e medidas não deveria obscurecer o fato de que no Brasil a estabilização foi introduzida após um ano de grande crescimento econômico. Na Argentina, o Plano Austral surgiu após quatro anos de severa recessão. Assim, a flexibilidade comparativa das duas economias para os programas de estabilização foi acentuadamente diferente.

O "Financial Times" assinala também importantes diferenças em relação ao congelamento dos preços e salários por prazo indefinido. Enquanto o Plano Austral foi adotado logo depois de uma série de aumentos de preços substanciais, no Brasil as autoridades evitaram, através de reajustes regulares, que tal realinhamento brutal, anterior ao congelamento, fosse necessário. Por isso, destaca o jornal inglês "no primeiro mês de vigência, o Plano Austral obteve uma inflação de seis por cento, ao passo que no Brasil os preços caíram de fato um por cento".

Além disso, os brasileiros tomaram a precaução de criar um novo índice de preços, ao contrário dos argentinos que continuaram com seu índice imutável. A abordagem argentina para a questão dos salários foi também mais rigorosa. No Brasil os salários foram ajustados à inflação média dos seis meses anteriores, mais um pequeno acréscimo